



Luiz Carlos Sá

# Cidades Inesquecíveis IV

## Bom Jesus da Lapa

**S**e você vem chegando pelo Rio São Francisco, sentido Pirapora-Sobradinho, a visão é inesquecível. De repente, depois de uma curva, como que jogado pela fúria dos deuses naquela planura sem fim, surge um morro de agulhas aguçadas. Negro de lava, parecendo bem maior que seus quase cem metros de altura, ele assombra até hoje o viajante que chega ali pela primeira vez.

E para mim, aquela era a primeira vez. Apesar das vívidas e entusiasmadas descrições do parceiro Guarabyra, meu cicerone naquele primeiro mergulho em um Brasil que eu apenas suspeitava existir, mas ainda não descobrira, o morro superava qualquer quadro que eu tivesse pintado na cabeça. Uma crista de iguana, um dorso negro de animal desconhecido, o que era aquilo ali na minha frente?

Era de noite e nós viéramos caminhando calmamente pela avenida principal de Bom Jesus da Lapa. No final dela, já quase nas margens do rio, o morro à sua esquerda começa a crescer. A princípio, humilde, como que fazendo parte dos quintais das casas; depois, abrupto e imponente, ele lança seus inúmeros dedos vulcânicos para o alto. Não é de espantar que esse morro varado de grutas acabasse por virar a Caaba do sertão nordestino, atraindo dezenas de milhares de romeiros por ano.

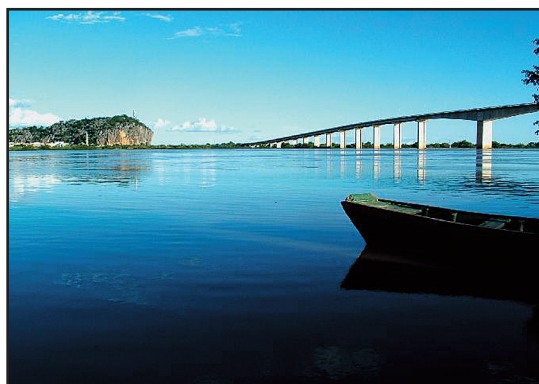
Finalmente chegamos à entrada da gruta principal, que abriga uma... capela? igreja?... de bom tamanho, com uma espécie de minarete ao lado, tudo isso de frente para a enorme esplanada calçada de pedra, capaz de abrigar a romeirada toda. A lua cheia iluminava aquela imensidão e jogava a sombra das grandes estátuas de bronze no piso da entrada da gruta, que – para o meu desgosto – estava fechada.

Fiquei parado ali, olhando para o rio, perplexo diante daquela beleza rústica, imponente e temperada por um quê de sinistro. Anos mais tarde, quando subi o morro até o cruzeiro e depois explorei uma boa parte das grutas do santuário, senti a mesma coisa de maneira ainda mais intensa. Na sala de ex-votos – oferendas deixadas pelos romeiros em agradecimento pelas graças alcançadas – você vê milhares de muletas, cabeças, troncos, membros de madeira ou parafina reunidos no que parece uma confusão de pedaços de gente junto a bilhetes e mensagens de fé. Eu, ateu e incrêu até a raiz dos cabelos, me arrepiei de entrar ali. Depois fui indo, fui indo e cheguei até uma profundidade abafada, com a imagem de uma santa sofrida. Sentei-me ali, isolado pelas paredes de pedra, sei lá quão fundo, e aproveitei para penetrar por minha própria alma adentro. Mesmo os ateus têm seus dias de fé.

Mas a Lapa – como os íntimos a chamam – tem muito mais que romaria. As histórias vão da santidade ao vício. Logo ao descer no aeroporto, por exemplo, depois da hora e meia do bandeirantinho que te trouxe de Salvador pela

valente Abaeté Airlines, você pode sentar no barzinho do professor Djalma, senhor da parada, e pedir seu inesquecível fígado acebolado. Djalma, categorizado futebolista no passado, é professor por mérito esportivo. Hoje toca o bar do Aeroporto com um fígado que devia ter estrela no Michelin e uma cerveja inacreditavelmente no limite, que

só não congela por milagre do Bom Jesus. E ali mesmo no bar você pode dar a sorte de sentar ao lado do poeta Gilvando Fraga, ex-enfant terrible da cidade e atual



Bom Jesus da Lapa - Ponte

Foto: Edmundo Brandão / Divulgação

cronista dos amores de beira-rio, romântico incurável. Saí uma vez com Gilvando, quando ele já tinha parado de beber. Lá pelas tantas entramos em um boteco da cidade e Gil me chamou a atenção para a porta do boteco, de madeira grossa, mas toda picada de buracos. Chamou o dono do bar:

- Conta aqui para o Sá, seu moço.
- Conta o quê, Gilvando?
- Conta sobre esses buracos na porta.

O moço contou. Seu Fraga, pai de Gilvando e poderoso comerciante da cidade, proibira os bares de servirem bebida ao filho. Sabendo que Gilvando iria direto para o seu bar, o “moço” em questão fechou as grossas portas do estabelecimento. Inconformado, Gilvando foi em casa, pegou seu Taurus 32 e descarregou-o seguidamente na porta do bar. O dono gritava lá de dentro:

- Pára, Gilvando!

E Gilvando, cá de fora, remuniciando o Taurus:

- Só depois da terceira cachaça!

Agora, de novo em paz com a renúncia do poeta ao álcool, o proprietário servia uma Coca Light para o Gilvando e uma cerveja para mim. Mas, em seguida, quem iria sentar-se conosco? O agrônomo e boêmio Mané Seca-Bodega, que de certa feita decidira abrir um boteco – ou uma bodega, como lá se diz – e mudar de profissão. Marcou a inauguração para uma sexta-feira. Chegada a tal sexta foram todos para bodega do Mané. Fechada! Decepcionado, o povo foi beber em outras plagas e voltou no sábado: fechada ainda, a bodega! E no domingo, a mesma coisa. Na segunda, preocupados com o sumiço do Mané e com o fechamento da bodega, resolveram arrombar a porta. Lá dentro, Mané, completamente bêbado. E o estoque da bodega...liquidado!

De visita à Lapa poderia também estar Lirinho Apaixonado, poeta da vizinha Paratinga, padroeiro dos modernos rappers por força de seu “jornal falado” em prosa e verso, satirizando atos e fatos da burguesia da região. E, ao anoitecer, poderíamos ir ao “Locão”, bar de Orlando e Toinha Fraga, aberto em uma loca (pequena

gruta) do morro, onde o chiado dos morcegos concorria com a música ao vivo.

Em época de romaria, então, a coisa ferve mesmo... a esplanada fica lotada de barracas que vendem literalmente de tudo. Mas, nessa primeira vez que fui lá, a coisa se resu-

---

### **Sentei-me ali, isolado pelas paredes de pedra, sei lá quão fundo, e aproveitei para penetrar por minha própria alma adentro. Mesmo os ateus têm seus dias de fé**

---

mia principalmente em comida, o que fica óbvio quando você pensa na necessidade de alimentar quase cem mil romeiros. Criatura urbano-carioquíssima eu jamais tinha provado uma codorna ou um tatu. “Só se for agora”, pensei. Atendendo ao meu pedido, Guarabyra me levou ao principal “codorneiro” da esplanada. O cara me levou direto para uma pilha de gaiolas cheias de codornas:

- Escolhe uma aí.

Apontei a que achei mais taludinha. Eu só não esperava o que veio em seguida: ele pegou a codorna e para meu horror torceu o pescoço da coitada na minha frente, anunciando com o melhor dos sorrisos que ela estaria pronta em quinze minutos.

Mas na verdade a codorninha ficou uma delícia e até hoje esqueço meus pruridos renitentes para comê-las uma a uma, como a morsa de “Alice no País das Maravilhas” comia as ostrinhas. Que culpa tenho eu? Somos o topo da pirâmide alimentar, não é mesmo?

Eu poderia escrever um livro inteiro só com minhas viagens à Lapa. Faltou contar sobre o dia em que subi o morro até o topo guiado por amigos que sabiam dos desvios por entre trilhas e grutas. Faltou contar sobre o dia em que cheguei lá de vapor e vi o morro brotar da paisagem. Os pirões de peixe. As cervejadas e cachaçadas. Tudo, enfim. Porque Bom Jesus da Lapa foi meu primeiro Brasil de verdade. E sem o primeiro, eu jamais entenderia os outros. 